

Indicadores comportamentais de cuidado: a teoria do cuidado como meio para superação da banalização da indiferença que tende a uma “desorientação generalizada”, especialmente na fase da juventude

Vilmar Dal Bó¹

Resumo: na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, o Papa Francisco aponta para algumas realidades hodiernas que tendem a um aumento progressivo do relativismo, e, consequentemente, a uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e da juventude. (Cf. EG n. 64, p.47). A proposta do presente trabalho justifica-se na elaboração de indicadores comportamentais de cuidado, à luz da filosofia do cuidado, como resposta a uma cultura hodierna em que prevalece o individualismo e a banalização da indiferença, inclusive entre os jovens. A metodologia do trabalho situa-se em uma pesquisa qualitativa de abordagem bibliográfica a partir das linhas pastorais da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, e da fenomenologia do cuidado de Martin Heidegger, e das filósofas italianas Luigina Mortari e Elena Pulcini. Por fim, pretende-se definir indicadores comportamentais de cuidado que inspirem a vivência de uma cultura de cuidado intergeracional.

Palavras-chave: Juventude, Relativismo, Filosofia do Cuidado, Indicadores.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar um conjunto de indicadores comportamentais de cuidado fundamentado a partir da filosofia do cuidado e em perspectiva de uma cultura de cuidado e propícia à juventude. Soma-se a esta proposta o desafio de assumir estes indicadores como métricas comportamentais que qualificam a convivência social intergeracional. Trata-se, portanto, de apresentar critérios objetivos para um agir moral orientado a uma cultura do cuidado capaz de transformar espaços de desintegração, de conflito e de abandono em espaços de integração, de reconciliação, de cooperação e de cuidado.

Nesse horizonte, assume-se a proposta de um novo estilo de vida, contrapondo-se a algumas realidades hodiernas que tendem ao descuido, à degradação, à deterioração e à indiferença relativista – consequências muitas vezes justificadas em uma cultura de bem-estar anestesiante, que faz prevalecer o individualismo e a banalização da indiferença, inclusive entre os jovens.

Ao relacionar a filosofia do cuidado e sua contribuição à juventude, “fase tão vulnerável às mudanças” (FRANCISCO, EG. n. 64, 2013, p.47), diante de

¹ Doutor (2023) e Mestre (2014) em Ciências Econômicas e Políticas, pelo Instituto Universitário Sophia, Incisa Val D’Arno, Florença, Itália. Bacharel em Teologia (2011), FACASC, Florianópolis. Engenheiro de Produção (2005), UNISUL. Secretário Parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina.
vilmar dalbo@gmail.com

uma generalizada indiferença relativista e uma crescente deformação ética, pretende-se dar fundamentos sólidos para superar um projeto que vai além dos benefícios e dos desejos pessoais da consciência isolada, que impedem um indivíduo de reconhecer o outro e buscar o seu bem: “Já não choramos à vista do drama dos outros nem nos interessamos por cuidar deles” (FRANCISCO, EG. n.54, 2013 p.41).

Metodologicamente, o trabalho está sistematizado em três tópicos: (1) *Juventude e realidades hodiernas*; (2) *A filosofia do cuidado*; e (3) *Indicadores comportamentais de cuidado*. A pesquisa situa-se em uma abordagem qualitativa de base bibliográfica, sustentada nas linhas pastorais da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e na fenomenologia do cuidado de Martin Heidegger, e das filósofas italianas Luigina Mortari e Elena Pulcini.

O presente trabalho reflete a filosofia do cuidado em perspectiva dos desafios da juventude atendo-se à realidade intergeracional.

1. Juventude e realidades hodiernas

Segundo João Batista Libânio, na obra “*Para onde vai a juventude?*”, a juventude é fruto de seu tempo. Isto é, Libânio entende que é impossível compreendê-la e assumi-la fora do contexto histórico-social-político no qual está inserida. Ela assume posturas, visões de mundo e motivações distintas, de acordo com o contexto de cada época. Como por exemplo, na década de 1970, dado o contexto político e o regime de exceção que governava o país, os jovens eram movidos por ideologias políticas, possuíam ideais revolucionários e sonhos grandiosos, faziam das praças públicas e das ruas lugares de encontro e palco de reivindicações por mudanças: “os ventos do Norte não movem moinhos”. Nos anos 80, a juventude caracterizava-se por sonhos possíveis, menos utópicos e mais individualistas, quase sempre em torno da aquisição de bens de consumo e uma mentalidade mais individualista. A juventude na década de 1990, por sua vez, motivada pela globalização neoliberal, entrava na lógica da competição mercadológica, da meritocracia e da especialização e/ou fragmentação dos saberes. Com a pós-modernidade, a juventude dos anos 2000 entrou em um novo século conectada e plugada à internet. Contudo, assume-se um novo estilo de vida, demasiadamente centrado no momento presente e na sede por consumir – uma geração marcada pela Era Digital e pela volatilidade. Um presentíssimo manifestado na perda da consciência histórica e ética (Cf. LIBÂNIO, 2011, p.144).

É inegável que a juventude da pós-modernidade constatou um progresso em vários campos. Uma mudança de época marcada por enormes saltos qualitativos e quantitativos em diversos âmbitos da vida, sobretudo nos progressos observados na Medicina, na Farmacologia, e nas inovações tecnológicas que melhoraram o bem-estar das pessoas em campos como a saúde, a educação e as comunicações. Contudo, os filhos desta época estão sob o influxo da cultura globalizada atual, e dela “vão surgindo formas novas de comportamento resultantes dos *mass-media*” (FRANCISCO, EG. n.62, 2013, p.46). Uma vitrine favorável para espetáculos midiáticos e fuga da realidade. Muitas vezes, neste contexto, as redes sociais fazem com que o real ceda lugar à aparência, e na cultura dos *likes*, ocupa o primeiro lugar aquilo o que é “exterior, imediato, visível, rápido, superficial e provisório” (FRANCISCO, EG. n.62,2013, p.45). Influência esta que atinge, inclusive, ambientes rurais (Cf. FRANCISCO, EG. n.73,2013, p.51).

Sendo assim, a juventude hodierna está imersa nessa transformação cultural absorvendo dela suas linguagens, seus símbolos, suas mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida. Afirma Francisco: “Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas de um poder muitas vezes anônimo” (FRANCISCO, EG. n.52,2013, p.40). Um poder que desencadeia uma crise antropológica profunda, reduzindo o ser humano a apenas uma de suas necessidades: o consumo. Situação esta tão dramática que, durante a fase da juventude, “fase tão vulnerável às mudanças” (FRANCISCO, EG. n.64,2013, p.47), faz com que muitos percam a serenidade quando o mercado oferece algo que não é possível comprar (Cf. FRANCISCO, EG. n.54,2013, p.42). Entretanto, percebe-se que entre alguns desafios do mundo atual que afetam a juventude está aquele de transformar os jovens em um bem de consumo.

Neste horizonte, Francisco elenca alguns desafios culturais que incidem na sociedade hodierna e, conseqüentemente, sobre os jovens no contexto atual: exacerbação do consumo (soma-se a isso a erotização e a vivência desmedida da sexualidade), além de um subjetivismo relativista e racionalismo secularista. Com isso, diagnosticam-se algumas consequências: recusa da transcendência, rejeição da ética e da existência de normas morais objetivas e válidas para todos, individualismo reinante, consciência isolada, menor acolhimento e indiferença anestesiante. Reporta-se para o reflorescimento de uma cultura hedonista em que o prazer é elevado à potência última, portanto um enfraquecimento da consciência histórica e ética. Assim, busca-se aquilo o que é prazeroso e que dê

resultados imediatos. O tempo de espera e a capacidade de suportar dão lugar ao imediatismo, ao ativismo, e à ansiedade. O silêncio incomoda! O barulho distrai! A sociedade é programada para distrair e entreter, não para silenciar e refletir.

Porém, mesmo diante de alguns desafios do mundo atual que incidem sobre a juventude, é preciso considerar a importância da fase da juventude e seus desdobramentos para a sociedade. Nela reside a utopia, a esperança! É a fase da ebulição e do questionamento. A manjedoura do futuro. Para tanto, é preciso precaver-se a um projeto de sociedade que tente entretê-los, anestesiá-los e silenciá-los (diante dos barulhos e das tretas midiáticas), transformando-os em seres domesticados e inofensivos. O desmonte do momento utópico (a fase do contraditório que identifica o espírito da juventude) é, de certo modo, o desmonte da esperança e dos ideais reservados para o futuro. O silenciamento da juventude ceifa o “risco” da renovação e, conseqüentemente, favorece a manutenção de um *status* operante.

Diante desse discernimento conjuntural, e alicerçado nos fundamentos de um personalismo integral, Francisco aponta para algumas linhas de ações fundamentadas em “uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores” (FRANCISCO, EG, n.64, 2013, p.47). Valores estes que favorecem uma vigorosa mudança de atitudes e o regresso para uma ética propícia ao ser humano: “A abertura a um tu capaz de conhecer, amar e dialogar” (FRANCISCO, LS, n.119, 2015, p.75). O reconhecimento do *outro*, uma característica própria da dimensão social do ser humano, revela a grande nobreza da pessoa humana: abertura ao outro. Ou seja, o fato de que ninguém pode “construir-se de costa para o sofrimento” (FRANCISCO, FT, n.65, 2020, p.35). Uma sociedade intergeracional que não se compadece diante ao sofrimento corre o risco de desencadear processos de desumanização difíceis de retroceder, principalmente nas fases da adolescência e da juventude.

À luz dessas realidades, Francisco insiste em uma ética do cuidado. Um agir moral que conflua para uma cultura do cuidado. Leia-se, uma revolução cultural que possibilite um desenvolvimento humano e social mais saudável e fecundo. Ou seja, uma proposta vivificante diante dos desafios do mundo atual, principalmente sobre aqueles que incidem na juventude. Francisco, neste horizonte, propõe a vivência de um paradigma de cuidado que qualifique a convivência social e ofereça princípios universais válidos para todos. Com isso, justifica a necessidade do empenho para a retomada de vínculos interpessoais e institucionais que recuperam a *sobriedade*, a *amabilidade* e o *acolhimento* ao

outro. Uma verdadeira revolução da ternura como resposta às culturas de violência e de morte que incidem sobre a sociedade tornando-se uma preocupação intergeracional.

2. A filosofia do cuidado

O filósofo alemão Martin Heidegger foi um dos principais existencialistas que se dedicou à filosofia do cuidado. Na obra *Ser e Tempo*, Heidegger propõe as linhas fundamentais para uma fenomenologia do cuidado arraigada na dimensão ontológica da pessoa humana. O filósofo parte de duas premissas fundamentais que identificam o *Ser*: abertura e relacionalidade. Abertura que consiste em um movimento de deslocamento da própria realidade em direção a uma realidade diversa e distinta; relacionalidade compreendida como um processo de trocas entre o “eu” e o “tu” que abre a porta à convivialidade e implica na construção de um “nós”. Heidegger define esta relação de abertura e de trocas como um *modo-de-Ser-com* que identifica a condição humana: o modo em que o *Ser* se constrói a si e ao mundo.

O cuidado, como atributo ontológico, é, dessarte, a identidade da pessoa humana. Aquilo que define o homem como homem, que vincula o homem a outro homem, e aquilo que forma o homem como homem. Martin Heidegger compreende o cuidado em dois momentos: *cuidado como procura* e o *cuidado como dedicação* (HEIDEGGER, 1975a, p.317).

O cuidado como procura consiste em dar espaço dentro da própria mente à realidade do outro, ou seja, reconhecer uma realidade diversa e distinta, que, ao ponto que distingue, também identifica. Já o cuidado como dedicação fundamenta-se na responsabilidade pelo outro. Na relação que constrói vínculos e resulta em compreensão e compromisso a partir do reconhecimento da existência do outro. O cuidado, ontologicamente compreendido, desnuda-se na natureza humana como uma maneira do próprio *Ser* estruturar-se e dar-se a conhecer: uma realidade de translação *ontológica-social* que dá forma ao agir humano e para a convivência social.

Servindo-se da compreensão ontológica do cuidado, à luz da escola de pensamento heideggeriana, as filósofas italianas Elena Pulcini e Luigina Mortari propõem-se em analisar o fenômeno do cuidado em vista de compreendê-lo em suas qualidades essenciais: a base possibilitadora da existência humana e a capacidade cognitiva de colocar o cuidado em tudo o que se projeta e faz.

Para Elena Pulcini, o cuidado é fruto de uma rede de altruísmo. Ele possui um conteúdo transcultural que origina as bases para uma ética global. Motivo este que rompe a ideia de uma ética privada, como aquela feminina ou de classes e grupos, e, por isso, fornece um valor universal (Cf. Pulcini, 2018). Luigina Mortari, por sua vez, compreende o cuidado para além de relações altruístas, a filósofa o situa na busca pelo bem: “é agir para auxiliar o outro a buscar o seu bem” (MORTARI, 2018, p. 126). Por tal, é essencialmente um agir virtuoso à procura do bem. Mortari retoma a questão do bem no debate filosófico do cuidado e afirma: “Se o cuidado é dimensão ontológica primária e a intencionalidade primária do *Ser* é a procura pelo bem, então a intenção que guia uma boa prática do cuidado é, certamente, a procura daquilo que faz o bem viver” (MORTARI, 2018, p. 111). Assim, a procura do bem deve ser entendida como uma práxis relacional. Cuidar é comunicar o bem de si para que o outro possa alcançar o seu próprio bem.

O conceito que está na base da filosofia de Luigina Mortari, e plasma o núcleo ético do agir humano, revela que a paixão pelo bem guia o trabalho de cuidado (MORTARI, 2018, p. 257). Contudo, é preciso ater-se ao *fenômeno do descuido* que atinge a sociedade hodierna e incide com maior força sobre a fase da juventude.

O fenômeno do descuido, que inicialmente é a negação dos vínculos interpessoais de proximidade, da generosidade, da responsabilidade e do acolhimento público, enfraquece as relações de convivência.

Num contexto em que os sentimentos e gestos de abertura (relação e pertença) cedem espaço aos gestos de retração, de desconfiança e de isolamento, fragiliza-se a possibilidade do *Ser*. As consequências desta crise existencial – leia-se, *ontológica-social* – revelam situações de descuido que afetam o âmbito privado e o público, tais como a perda da autoestima, o isolamento, a depressão e a depredação interior, que, se não acompanhada, pode ocasionar gestos de violências e atentados contra a vida.

Segundo Ilíria Wahlbrinck, o fenômeno do descuido parece imperar e impulsionar ao enveredamento por descaminhos, como o consumo de drogas ou a emoção da velocidade (álcool, jogos, pornografia), que ao produzir êxtase imediato transforma o viver em morrer precocemente (WAHLBRINCK, 2013, p. 34). Acentuo: transforma o cuidado em agressão.

Diante desta realidade e do desafio de assumir o cuidado como *ethos*, principalmente na juventude, fase tão vulnerável às mudanças, propusemos a adoção de indicadores comportamentais de cuidado que exprimem um reordenar

das relações de convívio diante do *Ser* do outro. Tratam-se, no entanto, de algumas posturas que refletem o *modo-de-ser-cuidado* no mundo e contribuem para construção de uma cultura intergeracional de cuidado fundamentada na responsabilidade, na dedicação, na reverência e na coragem.

3. Indicadores comportamentais de cuidado

Com base nas linhas da filosofia do cuidado de Luigina Mortari, de modo particular, do concretizar-se da essência do cuidado, evidenciaremos alguns indicadores comportamentais que podem auxiliar os jovens a assumirem uma nova postura vivencial, ressignificando suas atitudes diante de uma cultura de banalização da indiferença, e restituindo um estilo de vida centrado na sobriedade e na amabilidade. São eles:

- *Prestar atenção*: “Prestar atenção significa ter consideração pelo outro” (MORTARI, 2018, p.212). E isso quer dizer: reconhecer a importância do outro e de tudo o que ele representa. É tirar o outro do isolamento, do “ocultismo” e da invisibilidade. Fazer percebê-lo que é digno de atenção e, por isso, portador de um valor singular dentro da lógica da existência. À medida que oferecemos atenção e recebemos atenção, compreendemos que não somos um “produto em venda”, descartável, que se pode usar, abusar e depois jogar fora. Quando oferecemos atenção, reafirmamos o valor singular do outro, e, quando o outro se encontra digno de receber a nossa atenção, toma a consciência de seu espaço no mundo e nas relações. É fundamental, neste sentido, que os jovens reencontrem a importância do “concentra-se”, sentindo-se dignos de atenção e comprometidos a responder com atenção.
- *Escutar*: “A escuta se torna ação de cuidado quando é capaz de restituir ao outro a consideração por aquilo que ele está dizendo” (MORTARI, 2018, p.218). O mundo está imerso em uma lógica de barulho. Um modo de viver em que silenciar torna-se algo torturante. A luta pela afirmação do “lugar de fala” fez exaurir o “lugar de escuta”. A pressa em falar e tecer conclusões, muitas vezes precipitadas, faz com que muitos não tenham tempo para ouvir. Restituir o espaço de escuta significa investir no diálogo, pois o diálogo constitui-se no binômio *fala-escuta*. É preciso, assim, ouvir os jovens e incentivá-los a ouvir. Para isso, faz-se necessário desligar muitas fontes geradoras de ruídos que são programadas para distrair e entreter.

- *Estar presente com a palavra*: “É nas palavras que se faz presente a essência da experiência” (MORTARI, 2018, p.220). A palavra encoraja! Porém, muitas vezes a comunicação verbal é utilizada para coagir, denegrir e desencorajar. Estar presente com a palavra significa verbalizar princípios e ideias que contribuem para fortalecer e consolidar laços fecundos de convivência. É fundamental para a juventude reconhecer a força da palavra, e, com ela, a da comunicação. Tolher a voz nunca é um bom caminho. Mas, sim, a da responsabilidade que decorre com as palavras ditas.
- *Compreender*: “Compreender é conhecer aquilo o que o outro precisa para realizar as possibilidades de seu existir” (MORTARI, 2018, p.224). É fazer um exercício para entrar na lógica do outro e dar espaço em nossa consciência à possibilidade de uma lógica diversa. Compreender significa também considerar a pluralidade das realidades que incidem sobre a existência. A juventude é plural! Pessoas não são máquinas, robôs, marionetes, fantoches programadas para darem as mesmas respostas. A experiência da compreensão pode despertar nos jovens o desejo de misericórdia e de oferecer misericórdia, ou seja, fazer da compreensão um elo para um novo processo de recomeço. A pessoa, quando compreendida, sente-se acolhida.
- *Sentir com o outro*: “Sentir é ter sensibilidade com o outro” (MORTARI, 2018, p.228). Empatia, reciprocidade, compaixão. É dar espaço para o surgimento de uma “cultura do encontro” e da certeza de que não estamos sozinhos. Ou seja, reestabelecer a presença de proximidade do outro que nutre laços comunitários e afasta sentimentos de isolamento, de abandono de esquecimento. É investir nas relações mais reais do que virtuais, em inteligências mais humanas do que artificiais – um regresso àquilo o que é humano.
- *Ser presente em uma proximidade distante*: “Trata-se de encontrar o modo de estar em contato, de ser presente, sem invadir o espaço do outro, sem ocupar o seu próprio campo vital” (MORTARI, 2018, p.246). Presença não quer dizer dominação. A liberdade humana é um valor fundamental para as relações de convivência. Logo, a presença que nutre e frutifica jamais deve violar a autonomia do outro. Tem-se, nesse sentido, que juventude é a fase da transição: da obediência infantil para a autonomia adulta, sendo uma fase importantíssima a ser vivida! Contudo, à medida que a liberdade é experimentada, deve-se ser provado, também, o valor da responsabilidade. Liberdade sem responsabilidade é o entorpecimento da realidade.
- *Delicadeza e firmeza*: O cuidado requer “dizer não às exigências do outro quando necessário” (MORTARI, 2018, p.252). Em tempos de inseguranças e

fragilidades, é preciso formar-se para dizer alguns Nãos. A coragem é algo que não pode ser roubado da juventude, sendo a tentativa de domesticar os jovens e transformá-los em seres frágeis e inofensivos uma arma potencial para desacreditá-los quanto ao futuro. É preciso ter firmeza para fazer escolhas e optar por valores claros e objetivos. Um processo educacional que ensine a pensar criticamente e os livre de uma ética ideologizada que anestesie a consciência e retire a coragem de tomar a iniciativa.

Estes indicadores comportamentais identificam as posturas pelos quais a pessoa exterioriza a orientação do *Ser* como cuidado.

No que tange à juventude, estes indicadores comportamentais de cuidado fazem com que o jovem recupere a amabilidade e uma autêntica forma de ser no mundo. De algum modo, auxilia na construção de uma identidade unitária servindo para congregar, agregar e transformar. Uma resposta aos projetos de fragmentação que tendem a reduzir a fase da juventude e os jovens a uma única dimensão: o consumo.

Por fim, o cuidado como paradigma de ação pode constituir o horizonte primordial que dá forma à filosofia da vida pública e, com ela, práticas de ação que ajudem os jovens a superarem a cultura da banalização da indiferença que tende à fuga da realidade e a não se sentirem responsáveis pelo outro.

Considerações finais

É inegável que a banalização da indiferença e a crise do compromisso comunitário são consequências de um modelo social em que prevalece a cultura do individualismo, das consciências isoladas, e de um estilo de vida cômodo e superficial. Constata-se, neste contexto, uma fuga do ético para o estético, do *Ser* ao ter, do integrar ao isolar.

Dentro desta conjuntura, em que muitas vezes as pessoas são reduzidas a uma única de suas necessidades, como exemplo, o consumo, revela-se uma crise antropológica profunda, como aquela da perda de vínculos interpessoais que fragmentam as relações pessoais e sociais.

Durante a fase da juventude, fase marcada por profundas transformações e disrupções, a cultura da indiferença e do isolamento podem prejudicar aquilo o que é próprio da juventude: relações de trocas e abertura ao novo.

Nesse sentido, e diante do risco da deterioração (física e psicológica), está a contribuição da filosofia do cuidado e da construção de indicadores comportamentais de cuidado que fundamentam um *modo-de-Ser* e de agir no mundo. Trata-se de uma postura arraigada na amabilidade e na sobriedade que oportunizam a pessoa humana viver e responder segundo a sua natureza ontológica. Isto é, comunicar na existência a sua realidade mais profunda. Viver, segundo a filosofia do cuidado, é movimentar-se em direção ao *outro*, abraçá-lo, e dar espaço, dentro da própria existência, para que o outro possa existir e comunicar em plenitude aquilo que é.

Ninguém pode construir-se e se autorreconhecer de costas ao outro ou ao cuidado. Assumir posturas de cuidado é, portanto, agir de modo com que se possa superar alguns desequilíbrios, tais como: o enfraquecimento da saúde física e mental, e também distúrbios funcionais, a nível socioeconômico e cultural, que afetam a comunidade política e a convivência social.

Referências

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus, 2015.

_____. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Paulus, 2020.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2023.

LIBÂNIO, *Para onde vai a Juventude?* Reflexões pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

MORTARI, Luigina. *Filosofia do Cuidado*. São Paulo: Paulus, 2018.

PULCINI, Elena. *Cura di se cura dell'altro*. Thaumázein, v.1: Verona. 2013.

WAHLBRINCK, Ilíria. *Ética do Cuidado: Essência do ser*. Novas Edições Acadêmicas, 2013.